C. M. I.  
BIBLIOTECA

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

— ENTÃO os meus amiguinhos leram a Tribuna?

— Oh! sim!

— E que esperam hoje?

— Queremos afilhados, dizeis vós.

— Está bem, mas quais?

— Os mais desgraçados!...

— Duvidava que me falásseis assim e por isso vos felicito. Mas o caso é embaraçoso tanto para mim como para vós!... Conheceis a história daquele rapazinho que diante duma cesta de apetitosas maçãs, ao dizerem-lhe que escolhesse algumas, exclamou alegremente:

«Mas eu quero-as tôdas.»

Pois também eu vos conheço; palpita-me que desejaríeis todos os meus pagãozinhos! Porém vejamos, «todos» é digno da vossa coragem, sem dúvida, mas pouco prático.

Um velho sábio, repetia sem cessar: «O excesso em tudo é êrro». Sou da sua opinião.



Comecemos pelo princípio.

À minha frente encontra-se espalhado um grande correio. Oh! uma grande carta amarela, amarrotada... rôta... que vem de longe, mas trás um lindo sêlo! Chama a atenção dos colecionadores de selos ou seja dos filatelistas!

Vem da China, meus amiguinhos. Nesta altura, da China só pode trazer coisas tristes!

Com certeza tendes ouvido falar aos vossos paizinhos da calamitosa guerra que aí se trava encarniçadamente! Que miséria, meus meninos! Os habitantes fogem de povoado em povoado, sem saber onde encontrar um sítio seguro, membros de famílias separaram-se uns dos outros, e um grande número de criancinhas perdidas morrem ao abandono, à fome, ou cruelmente chacinadas, sem ter recebido o baptismo!

É na verdade confrangedor!

Meus amiguinhos, é preciso que penseis nessas pobres criaturas, pois como vós tem uma alminha que pertence ao Menino Jesus, e que, embora longe, esperam o vosso auxílio. E nós também contamos com êle

quer pelas vossas orações quer pelos dons da vossa caridade. Depois os anjinhos da guarda dêstes pequeninos «que vêem sem cessar a face do Pai» far-se-ão os vossos protectores e com que alegria!...

## MIMÁ

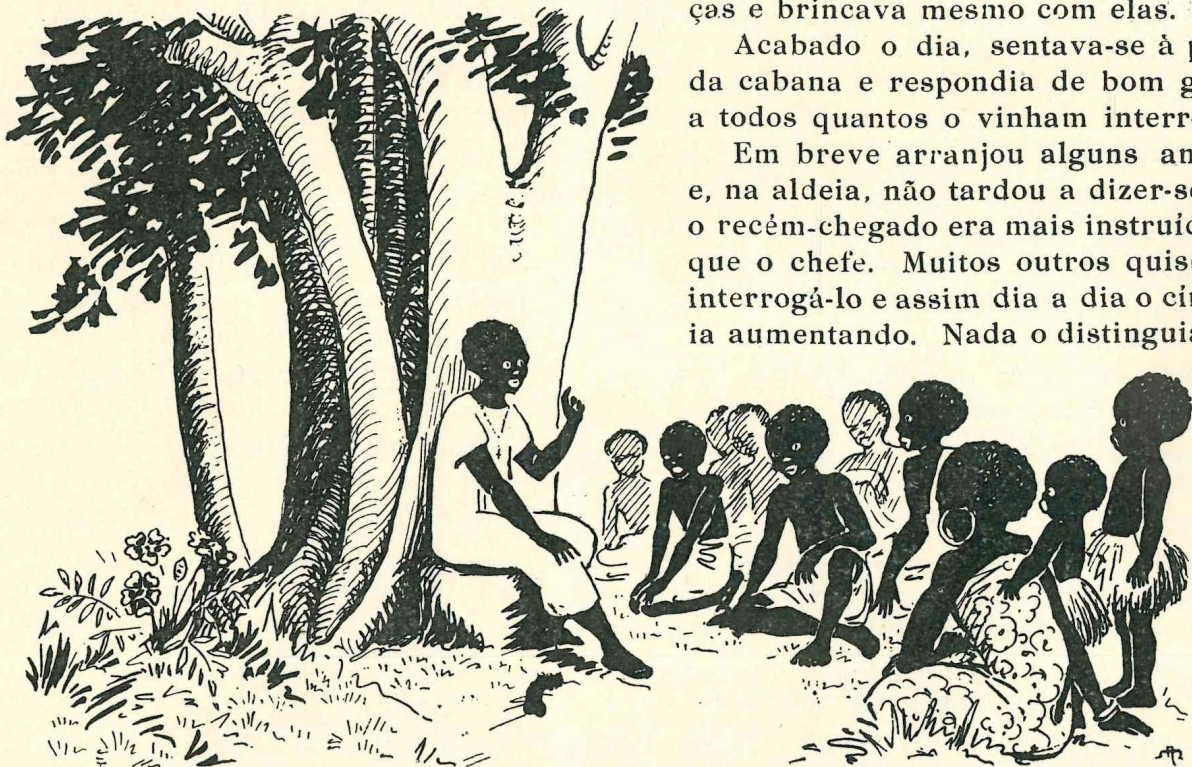
**U**M dia, grande acontecimento na aldeia. Um negro que ninguém conhecia, chegava de muito longe e apresentava-se ao chefe. Que pretendia? Únicamente construir êle próprio uma pequena casa, um pouco fora da aldeia, e instalar-se nela.

O grande chefe não pôs nenhum obstáculo a isso e concedeu-lhe a licença pedida, todavia com a condição de que não faria mal a ninguém. O novo habitante construiu pois uma casa com ramos de árvores exactamente igual às que havia na aldeia

e colocou-lhe a meio, lá no alto do tecto de côlmo, uma pequena cruz. Os negros da aldeia que o observavam — talvez com um bocadinho de desconfiança — viram-no desbravar o pequeno canto de terreno que cercava a sua cabana, e plantar nêle batatas e mandioca. Depois passava o tempo ora ajudando um a lavrar o campo, ora outro a rachar lenha; interessava-se pelas crianças e brincava mesmo com elas.

Acabado o dia, sentava-se à porta da cabana e respondia de bom grado a todos quantos o vinham interrogar.

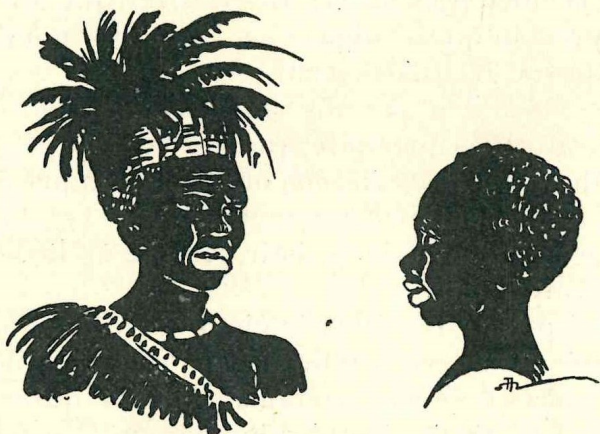
Em breve arranjou alguns amigos e, na aldeia, não tardou a dizer-se que o recém-chegado era mais instruído do que o chefe. Muitos outros quiseram interrogá-lo e assim dia a dia o círculo ia aumentando. Nada o distinguia dos



outros, a não ser a tanga branca que era mais comprida e mais ampla e um simples colar de contas com uma pequenina cruz que usava em vez do colar de dentes de leopardo, que os pagãos trazem para assegurar a protecção dos espíritos. Isto está mesmo a mostrar-vos que era cristão e além disso catequista. Chamava-se Cipriano.

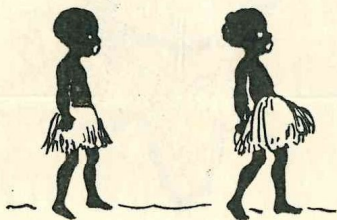
Uma ocasião, depois de ter falado de várias coisas, Cipriano começou a contar que havia um *Nzambi* (Ser poderoso) que não conheciam ainda naquela aldeia, um *Nzambi* tão bom como cheio de majestade.

Ele tinha estudado e agora conhecia-o. E a todos aquêles que quisessem conhecê-lo também, de boa vontade, lho ensinaria. O



auditório ouvia sem dizer palavra. Os negros são supersticiosos e receiam muito fazer zangar os «espíritos».

Para Mimá, de natureza curiosa tanto como independente, era um verdadeiro achado. Então o negro sabia coisas que ela ignorava e que desejava ensinar não só a ela mas também aos outros? A partir dêsse dia, quando o catequista vinha assentar-se debaixo do grande *baobab*, Mimá era uma das primeiras a esperá-lo. Ainda não tinha decorrido uma semana, e levava já atrás de si outras pretinhas; porém estava sempre muito mais atenta que elas e, emquanto êle falava, dir-se-ia



que se tinha transformado numa estátua.

Assim passaram três meses e Mimá não faltou uma só vez à instrução. Sabia fazer já muito bem o sinal da cruz, dizia o Padre Nosso a Ave Maria e o Credo, os actos de fê, de esperança e de caridade sem se enganar, e respondia com precisão a várias perguntas do catecismo.

Aproxima-se o Natal.

Nesse dia, o catequista contara detalhadamente como o grande *Nzambi* para perdoar aos homens maus e fazer deles seus filhos, tinha enviado à terra o seu filho único que lhes abrisse assim as portas do céu. O Filho do Grande *Nzambi* todo poderoso nascera muito pobrezinho, numa miserável manjadoura de animais.

Em volta do negro, o círculo ia-se tornando cada vez mais estreito. Não se dizia uma palavra, não se fazia um movimento. Todos, os olhos fixos sôbre o narrador, escutavam estupefactos.

«Há mais de dezanove séculos que se passou êste grande mistério, conclue o catequista, e todos os anos, para comemorar êste dia, realizam-se festas encantadoras em Boundji. Eu nunca faltei a elas; por estes dias vou partir para a Missão, e depois regressarei.»

Estas palavras surpreenderam muito particularmente a aventureira Mimá. Se havia festas tão bonitas para o Filho do Grande *Nzambi*, porque razão não iria ela vê-las?

À noite, depois das danças que lhe pareceram mais fastidiosas do que nunca, deitada na sua esteira não podia conciliar o sono. Em que pensava? No Filho do grande *Nzambi* e nas festas que lhe seriam feitas êsse ano em Boundji.

Ainda a madrugada vinha longe e já a nossa negrita se dirigia muito sorrateira até junto de Ipyelé, a sua maior amiga e confidente.

— Ipyelé!

— Que queres tu? O que há? exclama a pequena acordada em sobressalto.

— Cala-te! Ora escuta. Ouviste o que ontem disse Cipriano?

— Cipriano? Ontem? Deixa-me mas é dormir...

— Ipyelé, olha que é uma coisa de muita pressa... Êle vai partir; e se nós fôssemos na sua companhia à grande Festa da Missão?

Desta vez Ipyelé arregala os olhitos muito espantada.

«Ir à Missão? Lá longe? Nós? Mas que estás tu para aí a projectar? E que vai dizer o *ngou olumi*?

— Dirá... dirá...

Nisso não tinha ela pensado. Porém o seu sonho era tão belo, tão belo, que não podia imaginar que uma recusa do tio viesse pôr-lhe entraves.

«Dirá... o que eu quero! E se tu não quiseses vir, irei sòzinha!»

Mimá não tinha percorrido ainda dez metros e já a figurinha gentil de Ipyelé se desenhava ao lado da sua.

Receosa e tímida, Ipyelé tornou-se o cordeirinho dócil da independente Mimá.

«Ah! sempre te resolveste», disse ela com um tom de voz que escondia mal a sua vitória.

Alguns minutos depois, batiam à porta do catequista.

«Ês tu, Mimá, que queres? Eu parto esta manhã bem o sabes.

— Se quisermos ir também à missão, levamos-te contigo?

— Vós? Mas é longe a Missão; para lá chegar são precisos quatro dias e a caminhar bem. À noite tem que se dormir onde se estiver... em qualquer aldeia. E depois o chefe, que vai dizer? E tens de lá ficar quinze dias, sabes?»

E sempre o chefe!

«O meu *ngou olumi*! Há-de dizer que sim, é preciso que o diga e se não o diz pouco importa, irei na mesma.

— Isso é o que nós veremos! Tu não te encontravas presente quando contei que o Filho do grande *Nzambi* obedecia sempre?»

Mimá sentiu-se vivamente ofendida! Ela que se gabava de assistir sempre às lições de catecismo!

Cipriano resolveu ir êle próprio falar ao chefe. O negro prometia vigiar pelas duas crianças e de as reconduzir daí por quinze dias. O chefe, lisonjeado, não pôs obstáculo algum.

«Para que havia de contrariar a pequena?

Não era aos nove anos que tinha de recelar por ela. Além disso uns dias passados noutra aldeia fariam com que mais se prendesse à sua, desejando voltar o mais breve possível. A licença concedida a Mimá estendia-se também a Ipyelé.

(Continua).



# O DOMINGO DE RAMOS

## em Santa Ana de Munhuana

VINTE séculos são já passados e todos os anos a liturgia faz reviver o grande dia de triunfo: «Hosana ao Filho de David! Abençoado seja aquêlê que vem em nome do Senhor!»

Mas a Sagrada Escritura acrescenta ainda: «Apareceu entre os seus e muitos não quiseram recebê-lo...»

Êste pensamento comove os corações generosos dos negros. Per que não o receberam, visto que vinha para fazer bem?... Se fôsem êles, te-lo-iam festejado, aclamado!... E eis a razão pela qual todos os anos, em Moçambique, o domingo de Ramos tem alguma coisa de muito particular.

Mas ao lado da idea de triunfo, das aclamações dirigidas ao Divino Mestre, há uma lembrança tangível, o ramo abençoado. Ah! êsses ramos que devoção expansiva não excitam!

Os cristãos sabem que êles atraem a protecção divina sôbre as casas, que são um socorro poderoso contra os elementos, uma salvaguarda contra a dominação diabólica. Por isso para o receber, cada um quere ser o primeiro, resultando daí grande balbúrdia, uma confusão tremenda!...

Para obstar a êsse fervor tão ruídofo, estabeleceu-se uma organização bem dirigida...

Primeiramente as Irmãs arranjam mais de 2.000 ramos. Não há portanto receio de que falem. Depois como a Igreja é muito pequena para um desfile em boa ordem decidiu-se que cada um ficasse no seu lugar e as pequenas Guias fariam a distribuição dos ramos. Assim foi. O resultado saiu maravilhoso.

Acabada a bênção dos ramos, as Guias avançam, tomam os seus braçados dispostos em feixes e dirigem-se para o lugar que foi destinado a cada uma. Cumprem tão bem, tão rapidamente o seu trabalho, que de todos os pontos da igreja as palmas se erguem, graciosas e ligeiras, acima da multidão, como por magia, enquanto que o *Fueri Hebraeorum* e os *Hosanna Filio David* se repetem com um fervor que vai sempre aumentando.

Terminada a distribuição, organiza-se a procissão que, saindo da igreja





não se cansam nunca das belas cerimónias religiosas, de tarde ainda lá se conservam todos, para a Bênção do Santíssimo Sacramento, seguida, na Quaresma, da Via Sacra.

Eis um Domingo de Ramos prelúdio duma fervorosa Semana Santa.

e levando à frente as crianças, penetra debaixo das espessas abóbadas das grandes árvores que lançam sombra à volta do recinto da Missão.

Pequenos e grandes, igualmente altivos com as suas palmas, aclamam com tôdas as suas forças o Rei divino. **Lauda Jerusalem Dominum.**

A procissão demora até tarde, até ao meio da manhã, mas como os negros

## UM REMÉDIO EXCELENTE

**N**ÃO é permitido roubar, e então quando se anda para receber o baptismo, isso é que nunca, não é verdade?

Ora a pequena Mambikai sofre um pouco desse pecado. A Madre Superiora chama-a à parte e diz-lhe: «Na verdade não sei se poderás receber o baptismo no próximo mês...

— Porquê, Mamelô? Eu sei o catecismo!

— Sim, sabes o catecismo, mas já viste algum pequenino cristão a roubar?

— Mamelô, bem sabeis que a tentação é grande, tão grande...! Eu não quero... são os meus dedos que querem...

— Olha, quando assim fôr, então vem ao convento; prefiro dar-te alguma coisa, a saber que roubaste!»

No dia seguinte, ao meio dia, ouve-se a campainha retinindo com tôda a força. Apressada, a porteira corre a abrir julgando tratar-se dalgum acidente. É a nossa Mambikai que pede para falar à Madre Superiora com muita urgência.

«Então, que é que tu queres?

— Mamelô, a tentação é tão forte, tão forte que não pude esperar mais tempo... Fugi quanto pude do que via à minha frente...»

A Madre Superiora vai buscar uma linda banana que ela devora com todo o prazer. Esta não é fruto proibido, por isso... a paz inunda a alma da pequenina negra, que fica radiante.



## A PRIMEIRA COMUNHÃO DO JOÃOZITO

**J**OÃOZINHO tem agora seis anos.

Não chegou a conhecer nem o pai nem a mãe. A cólera e a peste, flagelos terríveis, fazem todos os anos numerosas vítimas na Índia.

Por vezes, em poucas horas, desaparecem famílias inteiras.

A de Joãozinho foi, infelizmente, uma delas: pai, mãe, irmãozinhos e irmãs tudo morreu em muito pouco tempo.

Como é que êle, tendo somente dois ou três meses e sendo o mais fraquinho da casa, sobreviveu? Segredo da Providência.

Quando viram aqui ainda tinha vida, levaram-no muito de-pressa a uma creche.

Há-as para os órfãos e para os abandonados por toda a parte, tanto na Índia, como na China, Japão e África.

A de Tanjore, onde Joãozinho foi conduzido era uma creche pagã.

Um dia, dois índios, um casal de excelentes católicos, visitaram essa creche. Não tinham filhos e era sua intenção adoptar uma daquelas crianças à qual consagrariam o seu afecto, a sua dedicação.

A vista dum pequenino de quatro meses, doente, franzino, coberto de feridas, comoveu o seu coração cheio de caridade. Era Joãozinho! Feliz criança, cuja vida a partir desse dia foi completamente transformada! Cer-



cado de cuidados, de ternura, de bem estar, tornou-se rechonchudo, vigoroso como uma flor que desabrocha ao sol brilhante. E o que é melhor ainda, formado pela sua mãezinha adoptiva que fez d'êle um bom cristão.

Quererá isto significar que nunca deu que fazer à sua boa mamã? E se lhe perguntásseis quais as maldadezinhas feitas pelo seu João, ela responder-vos-ia que faz tantas, tantas, tantas... Mas foram todas esquecidas... E hoje o seu coração transborda de alegria! Joãozinho tem apenas seis anos, sabe o catecismo, a vida de Jesus e muitas coisas que a mãezinha adoptiva e as irmãs lhe ensinaram, porque já vai à escola.

Durante semanas preparou-se para a sua Primeira Comunhão com um fervor verdadeiramente exemplar. Todas as noites registava num bonito livrinho dado pela querida mamã, os sacrifícios do dia, porque dizia êle, no dia da Primeira Comunhão, tinha que mostrar tudo aquilo a Jesus.

Com razão, Joãozinho estava convencido de que Jesus iria ficar muito contente, pois não vades julgar que êle era um anjo de perfeição. Muito longe disso! É o mais turbulento e o mais travesso da classe, não está dois minutos quieto, vê tudo, e prèga boas partidas aos seus companheiros. Por isso que mérito quando conta dois, três e às

vezes até cinco sacrifícios numa manhã para ser ajuizado e estar atento.

O grande dia aproxima-se! Joãozinho conta as horas: só já faltam vinte... agora dezasseis!...

Chega o momento da confissão. Não tem medo nenhum. Não custa nada a dizer o que pesa um pouco, porque em seguida, a alma muito bela, muito branca, pode receber Jesus. Ao sair do confessionário sente-se tão contente, tão feliz que reza a sua penitência, muito alto, em voz forte. Isso não tem grande importância, pois a igreja está quasi deserta. E além disso, outrora, os grandes pecadores não faziam penitências públicas?

Sai da Igreja saltando, depois, de repente diz: «Irmã, agora já acabou de correr o sangue de Jesus?»

Ela então lembra-lhe que é no momento da absolvição que Jesus apaga os nossos pecados no seu sangue precioso.

«Eu sei. E agora que não tenho pecados, quero que o Sangue de Jesus não corra pela mais pequenina coisa...»

À noite, ao jantar, Joãozinho não pode conter a sua felicidade.

«Sabem, diz êle aos seus pequeninos vizinhos, agora à minha volta, há muitos anjos, muitos, muitos! Mas amanhã, quando Jesus estiver comigo, então haverá muitos mais ainda...»



No dia seguinte é o primeiro a chegar. Quanto lhe tardava o momento de entrar para a igreja... Finalmente o pequeno grupo avança; os primeiros comungantes colocam-se na fila da frente e o travêso Joãozinho que precisa de fazer sempre tantos esforços para estar quieto, hoje não mexe.

Os seus olhos estão fixos no altar e, logo que Jesus desça ao seu coração, é d'Ele inteiramente...

«*Ama*, diz êle à sua mãe adoptiva ao sair da igreja, pedi tanto por si e por meu pai! Sois tão bons para mim! Agora, sabe, está decidido, quero ser padre. É tão bonito ser padre, não é *Ama*? Quando eu o fôr, não se sentirá feliz ao receber Jesus das mãos do seu Joãozinho quantas vezes quiser?»

É preciso saber que apesar de ter apenas seis anos, estava muito preocupado com a sua «vocaçào». Ser soldado? Marinheiro? Não! Engenheiro? Era o que mais o tentava.

Um dia declarara que depois resolveria, ou antes que seria Jesus a resolver no dia da sua Primeira Comunhão. E eis que nesse primeiro encontro, Jesus disse-lhe: «Tu, meu Joãozinho, serás Padre... E Êle respondeu «sim»...

Agora está inteiramente decidido. A graça fará a sua obra porque se algumas vezes Joãozinho é ainda a criança terrível, Jesus trabalha entretanto o seu coraçãozinho de ouro.

**AVISO.** — A «Tribuna das Crianças» Assinatura anual 5\$00.  
— Colónias 6\$00.

Para os assinantes dos Anais 4\$00 — Assinantes Bemfeitores, grátis.  
Número avulso \$50.

Imprimatur.

Bracaræ, 4 Martius 1938.

† A., Arch. Bracaræ.